

económica pode ser aplicada à análise macro-societal. A obra é encerrada com um artigo de R. Hollingsworth e Jeral Hage bem elucidativo sobre a potencialidades da abordagem socio-económica. Neste texto, os autores, através da comparação da realidade japonesa, europeia e americana, explicam que as redes inter-organizacionais estão a adquirir uma importância crescente como mecanismos de coordenação económica. O seu estudo sugere ainda que há diferentes tipos de redes que moldam, de forma diversa, os processos de inovação em cada país, pois são determinadas pelo sistemas sociais de produção e pela cultura donde emergiram.

Escrita com energia e, por vezes, com um entusiasmo contagiante, *Advancing Socio Economics* é uma obra essencial dirigida a todos aqueles para quem a elegância formal e sofisticação dos modelos neoclássicos não se adequam, porém, à explicação de uma realidade marcada pela riqueza e pela complexidade dos fenómenos económicos.

Vasco Almeida

Instituto Superior Miguel Torga

Ruth Finnegan. 2002. *Communicating: The Multiple Modes of Human Interconnection*. Londres: Routledge. 306 pp. ISBN: 0-415-24118-9.

Ruth Finnegan, antropóloga inglesa, propõe-se neste livro responder a uma questão muito básica: como é que nós, seres humanos, comunicamos? O seu ponto principal vai ser mostrar a diversidade e multisensorialidade dos modos de comunicação humana.

Os estudos sobre comunicação têm já uma longa tradição de acumulação teórica e empírica, fortemente interdisciplinar, com uma grande variedade de teorias que enfocam uma ou outra dimensão desse fenómeno tão complexo. Neste livro, Finnegan coloca-se, ao mesmo tempo, além e aquém deste vasto acervo de conhecimento. Por um lado, reclama a ‘necessidade de uma visão da comunicação humana mais ampla’ do que aquela que é proposta pelas teorias dominantes neste campo (p.xv), e consegue-o. Mas consegue-o sacrificando um contributo especificamente teórico. Como a própria afirma, ‘de certo modo, este é um empreendimento sem

ambição: meramente uma espécie de catálogo dos vários modos e recursos usados na comunicação humana, com algum comentário a acompanhar’ (p.xvi). A imensa latitude com que a autora define a comunicação humana é justamente o que vai obstar a um desenvolvimento especificamente teórico do seu ponto de vista. De facto, o livro é muito mais uma imensa panóplia de exemplos de actos de comunicação específicos, um acervo de conhecimentos empíricos quase enciclopédico, do que uma elaboração teórica pertinente e original.

O livro está dividido em três partes. Na Parte I, Finnegan estabelece as bases teóricas da sua visão da comunicação humana: – o que significa a comunicação humana, em que discute criticamente as várias teorias existentes neste campo (Capítulo 1) – e como é que a comunicação é possível, versando os recursos básicos (os do próprio organismo e os do meio ambiente) de que os humanos e os outros animais dispõem para comunicar (Capítulo 2).

Com o objectivo de clarificar a sua própria visão da comunicação, Finnegan procura demonstrar que as principais ideias teóricas que se confrontam neste domínio ‘fornecem um ponto de vista estreito sobre a comunicação e, com isso, sobre a vida humana’ (p.9). De entre essas ideias, a que é mais criticada pela autora é a da ‘comunicação como um assunto do intelecto’ (p.12), a qual destaca a linguagem como o veículo por excelência da comunicação humana. Para Finnegan, esta supremacia atribuída à linguagem leva a um entendimento da humanidade ‘parroquial e centrado no Ocidente’ (p.27). Nesta linha, analisa e critica as teorias que veem a comunicação como transmissão de mensagens, como uma actividade cognitiva ou como produção de sentido. Em relação às duas primeiras, a distância face à visão da autora é de tal forma grande que, por assim dizer, as críticas me parecem óbvias. Já as críticas que tece às teorias da tradição semiótica e estruturalista, tão influentes nos estudos culturais (nos quais me parece clara a filiação da autora, muito embora ela não o explicita), são mais pertinentes de referir, uma vez que estas são teorias que valorizam o intercâmbio e a negociação de significados partilhados. Por outro lado, estendem os seus estudos a sistemas simbólicos muito para além da linguagem em sentido restrito (vestuário, cinema, arquitectura, etc.) e, por

isso, pareceriam próximas da perspectiva veiculada neste livro. Essas críticas são fundamentalmente três. A excessiva importância do papel do analista na determinação do significado, que ‘tende a combinar pronunciamento de autoridade com interpretação bastante especulativa’ (p.19), já que a ideologia, a auto-reflexão ou os malabarismos verbais podem assumir tanta ou mais influência do que a investigação etnográfica dos processos. Em segundo lugar, a visão sistémica sobre os signos e os códigos, importada da linguística, leva a perder de vista ‘os processos criativos nos quais eles são actualizados pelos seres humanos específicos em contextos particulares’ (pp.19-20). Finalmente, revela-se pobre para compreender determinadas formas de comunicação, designadamente música, artes performativas, experiências gestuais, tácteis e olfativas. (Não obstante estas críticas, refira-se que, já na Parte III do livro, a autora vai valorizar o conceito de ‘intertextualidade’, tão caro a esta perspectiva). Seguidamente, Finnegan analisa e critica ainda as teorias comportamentais, a psicologia evolucionista, as teorias da comunicação animal e os modelos de interacção gene-ambiente, destacando pontos de concordância e de divergência com a sua própria perspectiva.

Feito este rastreio crítico, Finnegan sintetiza, deste modo, a sua própria visão: ‘a comunicação é tomada aqui como sendo um processo interactivo dinâmico, feito das acções e experiências organizadas, propositadas, mutuamente influentes e mutuamente reconhecíveis, que são criadas numa variedade de modos pelos e entre os participantes activos, à medida em que interconectam uns com os outros’ (p.28-9). Este conceito de interconexão constitui o cerne da sua perspectiva da comunicação e filia-a na tradição pragmática e interaccionista: ‘numa série de modos organizados nós formulamos e partilhámos informação, ideias, actividades, experiências, recursos e emoções, e, ao fazê-lo – para o bem e para o mal – ligamo-nos interactivamente uns com os outros’ (p.6). Como a própria autora declara, estamos perante um conceito ‘que não pode fornecer uma distinção sem ambiguidade entre comunicar e outras formas de comportamento humano’ (p.29). Assim, a comunicação não é uma entidade singular que se possa analisar isoladamente, é antes um processo que permeia toda a vida social, na sua constitui-

ção, produção e reprodução. Por isso, a perspectiva que adoptamos para entender a comunicação humana, seja qual for, é sempre uma perspectiva sobre a condição humana.

No Capítulo 2, com um pendor menos crítico, Ruth Finnegan apresenta e discute vários conceitos e tipologias que considera úteis para melhor captar a variedade dos modos de comunicação e dos recursos usados na comunicação humana. Começa com a clássica tipologia dos ‘cinco sentidos humanos’ – visão, audição, olfato, gosto e tacto – a qual vai, em parte, organizar a Parte II do livro. Muito embora simplista e apresentado vários problemas, esta tipologia tem, para a autora, a vantagem de ultrapassar a ênfase na dimensão audio-visual e, desse modo, a sobrevalorização da cognição e da linguagem, pois centra-se no corpo na sua totalidade, encarando-o como ‘o *nexus* em que a biologia e a cultura se encontram’ (p.35). Ainda assim, e não obstante entender a percepção sensorial como um processo de aprendizagem e de criação, cultural portanto, considera existir o risco de ser encarada como um processo passivo (aliás, a polémica entre construtivistas e nativistas, na psicologia da percepção, está ainda em aberto). Discute, de seguida, os sete ‘modos de expressão não verbal’ propostos por Burgoon e Guerrero: proxémico, háptico, cronémico, quinésico, aparência física, vocálico e artefactos. Aqui, estamos já perante processos activos, observáveis e propositados. No entanto, o conceito de ‘não verbal’ pode ser problemático, pois parece sugerir que o ‘verbal’ é a norma e que, face a ele, o ‘não verbal’ é um mero adereço. Outra tipologia apresentada e discutida é a das ‘múltiplas inteligências humanas’ de Howard Gardner: linguística, musical, lógico-matemática, espacial, corporal-quinestésica e pessoal. Em relação a estas três tipologias, um ponto que a autora foca sempre é o da sua variabilidade cultural – o peso maior ou menor que é dado a cada uma das suas dimensões e as formas específicas com que são combinadas, dependem sempre dos contextos culturais e situacionais, bem como das sensibilidades individuais.

Nesta sequência, são ainda discutidos os conceitos de ‘mediação’ e de ‘media’, tão valorizados actualmente pela análise cultural. Os problemas que, para Finnegan, estas noções colocam são fundamentalmente dois. Se, por um lado, são conceitos interessantes, porque representam justamente a ideia

de que a interconexão entre os seres humanos não se limita ao contacto dos corpos, recorrendo também a formas e objectos exteriores, por outro lado, é necessário, porém, reconhecer que a distinção entre media ‘intrínsecos’ e ‘extrínsecos’, ‘incorporados’ e ‘exossomáticos’ não é tão linear como parece, sendo mais uma questão de grau, de interacção e de entrelaçamento. Para além disso, os seres humanos interconectam usando muitos objectos que foram criados, em primeiro lugar, para outros fins que não a comunicação. Por isso, a autora vai usar sobretudo os conceitos de ‘artes’ e ‘artefactos’. Os artefactos incluem todas as formas feitas pelos seres humanos. As artes são entendidas ‘no sentido lato que abarca os ofícios e as práticas localmente reconhecidas que lhes dizem respeito’ (p.43). Vai ainda considerar os ‘canais da comunicação animal’ e conclui o capítulo analisando as oportunidades e as limitações dos recursos incorporados de que os humanos dispõem para comunicar: bipedalismo, poder visual, cordas vocais, audição, olfato, tacto, tamanho do corpo, radidez de movimentos, tamanho e estrutura do cérebro.

A Parte II, a mais extensa, como a própria autora afirma, ‘é de certo modo o coração’ (p.xvii), o núcleo original, do livro. Consiste numa análise detalhada e, sobretudo, profusamente ilustrada com exemplos, das várias modalidades de comunicação, em cinco capítulos dedicados, sucessivamente, ao mundo sonoro, à visão e ao corpo comunicante, às artes e artefactos humanos, ao odor e, finalmente, ao tacto. Nestes capítulos, a autora expõe os recursos disponíveis para a comunicação animal em geral e humana em particular, as suas versatilidades e os seus limites, os usos que deles se fazem, as artes e as convenções socio-culturais que organizam esses usos, o seu papel nas culturas, e a sua extensão no tempo e no espaço.

No entanto, ‘a comunicação humana é caracteristicamente multimodal’ (p.226), pelo que a divisão feita na Parte II tem algo de artificial. Neste sentido, vai dedicar a Parte III do livro a repôr a ideia de complexidade e multiplicidade da comunicação humana. No Capítulo 8, procura mostrar como, na prática, os nossos actos de comunicação combinam diversas modalidades e como essas combinações variam consoante as culturas, as situações ou as sensibilidades individuais. Não obstante, por ação de certas ideologias

– desenvolvidas em culturas específicas ou por facções específicas dentro de uma dada cultura – algumas modalidades são enfatizadas em detrimento de outras. É o que acontece com a dimensão audio-visual na cultura intelectual ocidental. Não significa isto que outras modalidades não sejam igualmente importantes nos actos de comunicação, mas tendem a ser desvalorizadas na análise teórica – vistas como secundárias, indirectas ou meros extras – e na consciência comum dos indivíduos. Repôr a sua importância na teoria e nas consciências, poderia ser visto como o objectivo deste livro.

No último capítulo, a antropóloga britânica considera a comunicação através do espaço e do tempo. É em relação às possibilidades e limitações colocadas por estas duas dimensões que os artefactos e as tecnologias adquirem relevância. Conclui tecendo algumas observações críticas aos principais desenvolvimentos recentes no domínio da comunicação humana: a extensão tecnológica da audição, a velocidade de comunicação através do espaço, a articulação de várias modalidades de comunicação possibilitada pelas tecnologias electrónicas, os impactos das tecnologias computacionais sobre a escrita, e a intensificação de todas estas tendências pelo desenvolvimento da internet e da rede mundial. Estas observações (como, aliás, todo o livro) são pautadas por um rigoroso relativismo cultural – a autora põe criticamente em causa as grandes narrativas com os seus ‘paradigmas implícitos de progresso’ (p.255), considera os conceitos de ‘revolução electrónica’, ‘era da informação’ e afins como modas ligadas a grupos de interesses, denunciando o seu etnocentrismo e humanocentrismo, e reiterando a sua própria crença na permanência das características básicas da comunicação humana, no contexto mais lato da comunicação animal.

Finalmente, refira-se que se trata de um livro ilustrado com 44 imagens em papel de muito boa qualidade. As imagens provêm de fotografia, gravura antiga, pintura, desenho, tapeçaria, escultura, murais, vitrais, notação de códigos e objectos (instrumentos de comunicação e artefactos utilitários). As temáticas são muitíssimo variadas: cenas da vida quotidiana, expressões artísticas, temas religiosos, arquitectura, comunicação animal, corpo humano, sinalética, ornamentação e decoração de objectos, cartografia, caligrafia, entre outros, e reportando a realidades

culturais, presentes e passadas, também elas muito variadas. Todas as imagens são acompanhadas de uma legenda que as explica e comenta.

Este livro marca um ponto importante no entendimento da comunicação humana. Mas, por vezes, torna-se redundante e, até, maçador, ao enunciar centenas, talvez milhares, de exemplos avulso. Não obstante, para quem pretenda obter informação factual sobre comunicação, numa perspectiva tão ampla e culturalmente diversificada, esta é, sem dúvida, uma obra incontornável.

Maria João Barata

Instituto Superior Miguel Torga

Elizabete Viana de Freitas, Ligia Py, Anita Liberalesso Neri, Flávio Aluizio Xavier Cançado, Milton Luiz Gorzoni, Sônia Maria da Rocha (eds.). 2002. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1252 pp. ISBN: 8527707497.

Lançado em Junho de 2002, durante o 13º Congresso da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, o *Tratado de Geriatria e Gerontologia* oferece uma colectânea de artigos, por aproximadamente 200 especialistas, que abordam variadas questões relacionadas com a velhice de diversas formações, com o objectivo comum de orientar os profissionais desta área no estudo, pesquisa e atendimento ao idoso. Os autores escreveram sobre o fenómeno velhice nos seus múltiplos aspectos, começando com um histórico sobre geriatria e gerontologia, abordando desde a sua criação como disciplina até às pesquisas actuais. O livro está subdividido em duas partes, uma sobre o envelhecimento e a velhice e outra sobre os aspectos biomédicos do envelhecimento e da velhice.

Na primeira parte, são incluídos 12 artigos. O primeiro texto é dedicado aos aspectos históricos, definição do campo, apresentando os termos básicos usados nos estudos do envelhecimento. Os restantes artigos são dedicados às teorias biológicas, genética do envelhecimento e da longevidade, bem como doenças crónico-degenerativas, teorias psicológicas e teorias sociológicas do envelhe-

cimento. Os autores não deixaram de incluir ainda nesta parte, dedicada à introdução ao estudo do envelhecimento e da velhice, as questões metodológicas na investigação e a metodologia do trabalho científico sobre estes temas. Os dados sobre qualidade de vida na velhice, epidemiologia e bioética do envelhecimento são referentes à realidade brasileira, no entanto, não deixa de ser um contributo importante para investigadores, terminando esta primeira parte com a questão dos desafios do envelhecimento no Brasil.

Na segunda parte, acerca de aspectos biomédicos do envelhecimento e da velhice, 57 artigos debruçam-se sobre as doenças mais comuns dos idosos e sobre outras patologias mais raras, mas não menos preocupantes. Temas como envelhecimento cerebral, transtornos cognitivos, demências e suas causas, delirium, doenças cérebro-vasculares, distúrbios do sono e de movimento, transtornos mentais e comportamentais, depressão, ansiedade e outros distúrbios afectivos, suicídio, transtornos psicóticos, doenças cardiopulmonares, doenças digestivas, doenças do sistema excretor, ginecológicas e sexualmente transmissíveis, entre outras, são aqui abordadas de forma objectiva e clara.

Três importantes artigos tratam dos avanços e perspectivas em geriatria; aspectos práticos e objectivos da medicina preventiva em geriatria, parâmetros clínicos do envelhecimento e avaliação geriátrica global. Outros 9 artigos são dedicados a questões como farmacologia, polimedicação, distúrbios da postura, marcha e quedas, incontinência urinária, imobilidade e síndrome da imobilização, úlceras de pressão, traumas no idoso, risco cirúrgico do paciente idoso, hipertermia e hipotermia e distúrbios hidroelectrolíticos.

As neoplasias, a dor, tratamento e os cuidados paliativos, também não foram esquecidos, tal como os cuidados em domicílio e a qualidade dos cuidados ao idoso institucionalizado e a negligência e maus-tratos muitas vezes infligidos. Quatro artigos de excelente qualidade, pela sua abordagem psicossocial e interdisciplinar, desenvolvem abordagens sobre o bem-estar do cuidador, o planeamento e adaptação do ambiente para pessoas idosas, a relação entre saúde mental e envelhecimento e a nutrição.

Este tratado não esquece ainda as terapias para reduzir ou retardar os efeitos do pro-